



ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 14 - N. 02 ISSN 2179 - 3441

Como se pensar em uma postura ativa em relação ao ressentimento

How to think about an active attitude towards resentment

Ronaldo Pelli 

Mestre em Filosofia pela PUC-Rio onde cursa o doutorado também em Filosofia, com uma bolsa Faperj nota 10. Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Contato: ronaldopelli@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo imaginar a possibilidade de uma resposta ativa para o afeto do ressentimento, tendo como fundo do seu desenvolvimento o pensamento de Friedrich Nietzsche, que é considerado um dos seus principais investigadores. Para tal, o texto começa mostrando como esse afeto acompanha a humanidade desde, ao menos, os gregos na Antiguidade, fazendo um resgate de menções ao tema vindas ainda de Homero e Aristóteles. Logo a seguir, chegamos especificamente a Nietzsche para situar, com o auxílio da *Genealogia da moral*, o ressentimento como a dificuldade de digerir ou responder à altura uma agressão sofrida. No passo seguinte, mostramos alguns desenvolvimentos dos estudos sobre o tema, como uma leitura psicanalítica e o desenvolvido pela cientista política Wendy Brown. Brown associa o ressentimento à recente ascensão da extrema-direita, mas veremos como o afeto também aparece em grupos de esquerda. A partir daí, depois de concluirmos que tal afeto é universal, o artigo começa a proposta de se pensar, por meio da transvaloração dos valores, uma postura ativa em relação ao ressentimento. Depois dessa explicação, para exemplificar o caso, o texto chega a Machado de Assis, com a ajuda do crítico Roberto Schwarz, e sua teoria sobre agregados e o favor, para mostrar como Machado foi um dos escritores brasileiros que melhor explorou, mesmo que indiretamente, todo o ressentimento que compunha a sociedade brasileira no século XIX.

Palavras-chave: Nietzsche. Ressentimento. Rancor.

Abstract: The aim of this article is to imagine the possibility of an active response to the affect of *ressentiment*, using as a background throughout its development the thought of Friedrich Nietzsche, who is considered one of its main researchers. For that, the text begins by showing how this affect has accompanied humanity since at least the ancient Greeks, retrieving mentions of it from Homer and Aristotle. We then turn specifically to Nietzsche to situate *ressentiment*, with the help of the *Genealogy of Morals*, and describing it as the difficulty of digesting or responding appropriately to an aggression suffered. In the next step, we show some developments in studies on the subject, such as a psychoanalytic reading and that developed by political scientist Wendy Brown. Brown associates *ressentiment* with the recent rise of the far-right, but we will see how the affect also appears in left-wing groups. From there, after concluding that this affect is universal, the article begins with the proposal to think, through the transvaluation of values, of an active attitude towards *ressentiment*. After this explanation, to exemplify the case, the text goes on to Machado de Assis, with the help of critic Roberto Schwarz, and his theory on *agregados* and favour, to show how Machado was one of the Brazilian writers who best explored, even if indirectly, all the *ressentiment* that made up Brazilian society in the 19th century.

Keywords: Nietzsche. *Ressentiment*. Rancour.

E quando você falha, quando você cai, você precisa abrir mão da autopiedade, mesmo que seja sua única bengala, mesmo que haja um mundo nefasto ao seu redor, é preciso ser honesto com seus afetos.
- O avesso da pele, Jeferson Tenório

I – Introdução

Há diferentes formas de se entender o ressentimento, mesmo porque tal afeto pode aparecer em qualquer relação humana. Para explorar uma forma ativa de responder ao ressentimento, vamos mostrar um pouco da história de compreensão do afeto, dos gregos antigos até os dias de hoje, com uma passagem mais demorada no século XIX, tendo sempre como fundo da argumentação textos e comentadores daquele que é reconhecido pela fortuna crítica como o autor que lhe dedicou uma interpretação mais profunda: o filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Para iniciar o texto de forma cronológica, o artigo vai expor em primeiro lugar como o ressentimento é um tipo de reação comum a todos os homens, aparecendo na literatura helênica desde ao menos Homero e Aristóteles. Logo a seguir, o texto passará pelo filósofo Eugen Dühring para mostrar que, mesmo no século XIX, Nietzsche não foi o primeiro a falar sobre o tema. Finalmente, chegaremos ao próprio Nietzsche, nos utilizando principalmente da obra *Genealogia da moral*, onde o autor dedica uma das suas três dissertações ao afeto.

Como continuação do entendimento do ressentimento na história, o texto vai buscar exibir a maneira pela qual a psicanálise aborda a matéria, com paralelos e diferenças em relação a Nietzsche. A seguir, o texto vai expor em um subcapítulo específico como o ressentimento tem sido usado recentemente pela pensadora Wendy Brown para explicar a ascensão de grupos de extrema-direita. Em Brown, serão mostradas duas formas de se entender o ressentimento. Apesar de a cientista política se basear em Nietzsche, segue um caminho diferente daquele proposto pelo autor alemão. Mas veremos que o ressentimento não é uma exclusividade de grupos associados com a extrema-direita: há casos em que associações normalmente ligadas à esquerda também podem soar ressentidas. A partir daí, será necessário diferenciar um tipo de ressentimento, que perpassa a todos nós, e outro, que será o fundo das relações reativas, que não querem jamais se transformar. A saída para saber quando somos ativos ou reativos, para usar os termos nietzschianos, sugerimos, é a aposta pela transvaloração dos valores. Quando a re-ação tem como fim mudar a estrutura de poder estabelecida, podemos dizer que o ressentimento foi elaborado ativamente. Quando o inverso acontece, só é possível enxergar a tentativa de se manter no mesmo lugar, de forma reativa ou reacionária. O filósofo Van Tuinen ainda acrescenta outro

elemento que nos ajudaria nesse processo de identificar movimentos ativos e reativos: a inveja. Se o ressentido apenas quer assumir a posição daquele que ele considera como superior a ele, essa postura indicaria uma conduta reativa. Agora, caso haja uma vontade de transformação dessa estrutura que o oprimia anteriormente, uma transvaloração dos valores, essa transformação seria vista como um procedimento ativo.

Por fim, o texto vai utilizar um exemplo brasileiro, proveniente da literatura de Machado de Assis e apoiado por Roberto Schwarz, estudioso da obra machadiana, para mostrar como o ressentimento se apresenta na realidade material. Perguntamos, então, sobre quais são, enfim, as consequências práticas do ressentimento dentro da sociedade. Na relação entre pessoas escravizadas, “agregados” e senhores de engenho é possível enxergar o ressentimento tanto na sua relação reativa, de manutenção dos estratos sociais como sempre existiram, como no de transformação ativa, em que há uma mudança profunda na maneira de sociedade se organizar.

II - Ressentimento, uma possível história

É razoável supor que o ressentimento acompanhe o homem desde a primeira agressão que não pôde ser respondida nem foi perdoada e ficou sendo remoída por aquele que se sentiu agredido. Já no iníciozinho da *Ilíada*, num episódio seminal para todo o restante da história, Homero narra uma cena em que tal afeto é mencionado: o Pelida Aquiles exige que “algum vidente ou sacerdote ou um intérprete de sonhos” – porque “também os sonhos vêm de Zeus” – lhe explique por que o Febo Apolo estava jogando flechas havia dias sobre os seus homens, causando tantas baixas, de maneira que “as piras dos mortos ardiam continuamente”. Calcas, que era “de longe o melhor dos adivinhos”, diz que conhece a razão da ira apolínea, mas pede ajuda a Aquiles para impedir que seja castigado por dizer a verdade e, desta forma, provocar um “rei que se encoleriza contra um homem inferior”. Descobrimos logo que o rei mencionado é Agamêmnon e que, embora consiga reprimir por algum tempo a sua raiva diante da insolência de um súdito, tal sentimento o faria “crescer” contra um mero plebeu, tornando a diferença de estatura (social, política, de força, enfim) entre ambos ainda mais gritante. Enquanto não “cumprir o que lhe vai no coração”, Agamêmnon “se mantém ressentido” (HOMERO, canto i). A palavra utilizada na *Ilíada* é “koton”, que em outras traduções aparece como rancor e, pelo contexto, parece ser algo que precisa ser digerida ou colocada para fora. No original grego, tem uma função parecida como a da fome: é uma necessidade que precisa ser saciada. Ressentimento é, aqui, o sinônimo para essa sensação de estar entalado, de algo que não foi superado e precisa ser resolvido, e é causado por um ato considerado de desrespeito.

Na *Retórica* de Aristóteles, tal sensação aparece novamente. Num primeiro momento do livro 2, em que se discutem as paixões ou emoções, há uma ligeira menção

a esse trecho da *Ilíada* (em 1379a6) – na tradução do texto aristotélico feita por Edson Bini, ele utiliza “rancor” – e em seguida se tenta explicar o que seria o ressentimento (agora, sim, com esse termo, e como um possível sinônimo de rancor): uma subcategoria do desdém que, por sua vez, “expressa uma opinião sustentada ativamente em relação a algo que evidentemente carece de importância e não merece consideração” (1378b10), mas quase com sentido contrário. Se o desdém é direcionado a alguém por quem não construímos apreço, há no ressentimento não exatamente uma estima pelo interlocutor, mas a crença de que “uma grande consideração nos é devida da parte daqueles que nos são inferiores” (1379a1). Continua a haver uma desconsideração pelo outro, como no desdém, mas é uma desconsideração específica: há a necessidade de que o outro exista e os enxergue, ou aja de acordo com regras estabelecidas, para que ele se mantenha impassível. Aristóteles exemplifica algumas duplas de personagens que podem compor o quadro do ressentimento: o homem rico espera que o pobre o admire, o eloquente nutre a mesma expectativa em relação “ao que carece de toda capacidade de discursar”, o governante idem ao governado, “e aquele que se julga digno de governar relativamente àquele que merece ser governado”. Por isso cabe perfeitamente o exemplo retirado da *Ilíada*, em que o adivinho Calcas sabe que o rei Agamêmnon espera uma espécie de subserviência sua. Em ambos os casos, há por parte de um personagem que assume uma postura de senhor uma certa dependência daquele que se encontra num degrau mais baixo da escala de poder. Mesmo que ele, o senhor, possa liberar sua ira contra o subalterno, qualquer comportamento do subalterno já coloca o senhor constipado de *koton*.

Já na seção 4 desse mesmo livro 2 da *Retórica*, parte em que se discute o que nos faz amar ou odiar algumas pessoas, Aristóteles afirma que “[a]preciamos [...] os que não retêm a lembrança dos maus tratamentos e não guardam rancor, mesmo tendo motivos para isso, e que se reconciliam facilmente” (1381b5-10).¹ Aqui a palavra utilizada é “mnemisikakountas”, algo como aqueles que lembram (mnem) os males (kakos).² Ressentimento-rancor aqui é o ato de guardar na estante da memória uma lembrança ruim; conviver com essa má memória e não conseguir se “reconciliar facilmente” – elaborar a memória ou metabolizá-la. De qualquer forma, tanto na *Ilíada* quanto nas duas passagens da *Retórica*, o ressentimento é mostrado como o afeto de alguém que considera que foi agredido e não se sente capaz de lidar com aquela agressão, revivendo a violência sofrida cotidianamente.

¹ Na sua tradução, Isis Borges B. da Fonseca usa o termo “ressentimento” no trecho: “[Amamos] os que não guardam rancor, nem ressentimento com os agravos, mas, ao contrário, são facilmente reconciliáveis [...]”.

² Em ambas as traduções do grego, agradeço à amiga Flora de Carvalho Mangini.

Essa formulação parece com a feita pelo alemão Friedrich Nietzsche, milênios depois. Embora obviamente não tenha sido o primeiro ou único nome da tradição do pensamento ocidental a escrever sobre o ressentimento, sua contribuição foi e é ainda tão impactante, que alguns estudiosos do tema chegam a dizer que, sim, ele foi o único a se dedicar ao assunto, como escreve a psicanalista Maria Rita Kehl, logo nos agradecimentos de seu livro cujo título é *Ressentimento* (KEHL, 2020, e-book)³. O seu conterrâneo Max Scheler dá a primeira pista do porquê se faz esse tipo de afirmação: foi Nietzsche quem determinou o *terminus technicus* do ressentimento para o alemão quando evitou o vocábulo já existente *Groll* (“rancor”) e importou do francês *ressentiment* (SCHELER, 2007, p. 25), como se ele quisesse estabelecer com precisão o que queria dizer, como se o vocábulo tradicional teutônico não desse conta de qual horizonte de significação ele queria abarcar, como se, enfim, em vez de apenas descrever um afeto, quisesse produzir um conceito. Ao invés de procurar uma essência, um “o que é”, ele descreve um acontecimento. Como nota Guy Elgat, o filósofo francês Gilles Deleuze acreditava que Nietzsche via o ressentimento como elemento-chave para entender fenômenos tão diversos como o niilismo, a metafísica, o ascetismo, a dialética, o cristianismo, a psicologia e a moralidade (ELGAT, 2017, p. 10).

Antes ainda de Nietzsche, outro pensador alemão, Eugen Dühring, já tinha feito o movimento de tirar o ressentimento de dentro dos limites da moral cristã e o instalar também no ambiente do Direito. Segundo seus críticos – como, aliás, o próprio Nietzsche (GM II 11) –, com esse deslocamento a Justiça teria se mostrado como mero agente de retaliação e represália. Em seu *O valor da vida*, publicado em 1865, Dühring afirma, por exemplo, que “o sentimento de justiça é essencialmente um ressentimento, um sentimento reativo, isto é, que pertence ao mesmo gênero que a vingança” (DÜHRING apud PASCHOAL, 2019, p. 225). Segundo a leitura de Antonio Edmilson Paschoal, Dühring enxergava o ressentimento como uma “espécie de *Aufhebung* ao modo hegeliano”, em que a vítima teria sua redenção por meio de uma “negação da negação”. O ressentimento seria ainda, para Dühring, pura continuação no campo social da lei da Física que nos obriga a reagir ante uma ação. Para Paschoal (2019, p. 225), “se Paulo expandiu o ressentimento para fora das fronteiras do judaísmo, Dühring realiza a tarefa de expandi-lo para fora das fronteiras da moral cristã”.

Para o autor da *Genealogia da moral*, o ressentimento nasce quando os seres atingidos sentem que a eles “é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária [se] obtêm reparação” (GM I 10.). O ressentido é aquele que foi ou imagina ter sido agredido, e que não digere bem essa agressão, que fica presa na sua memória, pesando, sem que ele se sinta capaz de revidar ou esquecer. Paschoal fala do ressentimento como um envenenamento “que ocorre quando esses sentimentos não podem ser descarregados e se voltam para o interior do homem, — não digeridos nem

³ “O ressentimento não é um conceito da psicanálise. À exceção de Nietzsche, na filosofia, não houve em outras áreas autores que se dedicaram a esse assunto.”

lançados para fora — ficam sendo re-sentidos” (PASCHOAL, 2008, p. 40). Entre a “ofensa sofrida” e a “reparação da ofensa” há uma “curiosa *equivalência*”, um “quantum de agressão que busca desafogar-se”, e que é parecido com uma “exigência fisiológica”, “visto que o desacato produz uma ira, uma zanga, enfim, um material capaz de envenenar o homem e que precisa ser lançado para fora e descarregado — quiçá sobre quem produziu o dano — ou então assimilado pelo seu próprio organismo” (PASCHOAL, 2008, p. 40). O homem do ressentimento não consegue produzir uma resposta direta, não trata o seu “agressor” como um semelhante e, por consequência, se coloca numa posição de inferioridade, que o aflige. Ele está na ponta oposta da régua de valor daquele que Nietzsche chama de homem ativo. Enquanto esse, mesmo quando re-age, está, na verdade, agindo (“a verdadeira reação, a dos atos” [GM I 10]), o ressentido está sempre dentro do viés da reação, da perspectiva reativa, embora, de maneira contrária, acredite que esteja agindo: “A reação deixa de ser agida para se tornar algo sentido”, explica Deleuze (2018, p. 145). Às vezes, de tão fraco e passivo, nem mesmo remoer ele consegue (SCHELER, 2007, p. 32).

A virada que Nietzsche proporciona em relação aos antigos gregos é mostrar o ressentimento como também o combustível da produção de valores, de parâmetros morais a se seguir. Não era mais apenas uma questão de uma pessoa que se sentia agredida contra uma outra pessoa que era a agressora, mas também uma pessoa e/ou um conjunto de pessoas que se sentem agredidas contra uma pessoa e/ou um grupo que seriam os agressores e, não sendo capaz(es) de agir, colocam o objetivo de sua vida nessa amarga reatividade. Dito de outra forma, Nietzsche alarga a noção para além do indivíduo e a trata como um questão político-social-moral, que produz práticas, sugere comportamentos coletivos e cerceia aqueles que são considerados pelos ressentidos como “agressores”. O ressentimento não seria apenas um fenômeno mecânico, de resposta automática a um ato, mas funcionaria dentro do espectro da vontade de poder, de uma vontade de poder específica, mas que ainda quer dominar as demais. Por isso ele argumenta que a “rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores” (NIETZSCHE, GM I 10.). Os desventurados, os escravos, os fracos, os homens do ressentimento⁴, enfim, começaram a produzir uma moral em que o ressentimento seria o fundamento, a base em que toda sua metafísica se apoiaria. Mas essa criação só acontece num segundo ou terceiro momento, como reação aos “fortes”, como estratégia para desbancá-los, por se sentirem atacados: “A moral dos escravos é essencialmente uma moral de utilidade” (BM 260). Se o homem ativo não espera nada para agir, para colocar em prática os seus valores, o homem ressentido ou espera uma “vingança imaginária” e não age, ou,

⁴ Como o próprio Nietzsche escreve: “que importam as palavras!” (GM I 9)

tentando evitar qualquer risco, reage apenas quando a ocasião é das mais “propícias”, nunca numa relação de igualdade, sempre se colocando como vítima do “agressor”. “O ressentimento é uma doença da perseguição”, escreve a psicanalista francesa Cynthia Fleury. Ela enxerga que, entre a agressão e a reação, o ressentido se mantém em posição passiva. Acredita que foi atacado, mas não age. Guarda a mágoa, fermenta o amargor. É “melhor odiar a agir”. Se puder compartilhar o rancor entre um grupo que ele considera de iguais, melhor (FLEURY, 2020, e-book). Quando aparece uma oportunidade em que está em condições explicitamente “favoráveis”, aí sim, o homem fraco consegue reagir. E, nessa oportunidade, ele se autoriza a usar toda violência que for preciso para eliminar o inimigo ou “aqueles que simplesmente ‘não são iguais a nós’” (PASCHOAL, 2008, p. 41-42). Fleury afirma (2020, e-book) que “O mecanismo de ódio generalizado pode se conectar e produzir um agir unicamente construído a partir da cruza das pulsões” – mas, ela ressalta, esse processo não é ainda um agir puro, embora soe para esses personagens como se fosse. É, na verdade, uma “reação das massas”.

Os homens ressentidos invertem a régua e começam a dar valor para esse tipo de fraqueza, de passividade. Eles se atribuem “o mérito da renúncia, da paciência, da resignação”, como escreve Scarlett Marton, que acrescenta que eles travestem a “impotência em bondade, a baixeza temerosa em humildade, a submissão aos que odeiam em obediência, a covardia em paciência, o não poder vingar-se em não querer vingar-se e até perdoar” (MARTON, 1990, p. 74-75). O homem fraco não sabe como ou não quer liberar sua própria energia vital e a retém, recalçando suas vontades e desejos. “O ressentido sofre”, comenta Maria Rita Kehl, “porque se dá conta de que deixou de viver o que o momento lhe oferecia e quer acusar os fortes, que sabem dizer ‘sim’ à vida, do prejuízo pelo qual ele é o único responsável” (2020, e-book). Nietzsche é ainda mais duro. Para o alemão, os homens “impotentes, oprimidos, achacados por sentimentos hostis e venenosos” veem a felicidade “como narcose, entorpecimento, sossego, paz, ‘sabbat’, distensão do ânimo e relaxamento dos membros, ou, numa palavra, *passivamente*” (GM I 10). O homem fraco precisa da infelicidade para permanecer fraco, o que tem uma relação direta com a política, como explicou Deleuze: “O tirano necessita de almas despedaçadas, como as almas despedaçadas necessitam de um tirano” (2002, p. 19).

Esse tipo ressentido tem a memória superlativa: ele nunca perdoa, nunca deixa passar, nunca supera alguma agressão. Carrega a violência sofrida como um troféu, exibindo a ferida o mais abertamente possível, para que sintam pena dele, num processo de vitimização completa, se ausentando da responsabilidade pelo seu destino, como se fosse meramente um objeto das vontades alheias. Por essa razão que a psicanalista Maria Rita Kehl o associa também ao melancólico. Ele não é forte o suficiente para esquecer a violência sofrida e “traduz a falta como prejuízo cuja responsabilidade é sempre de um outro contra quem ele dirige insistentemente um

rosário de queixas e de acusações” (KEHL, 2020, e-book). Essa memória excessiva é um subtema também bastante explorado na questão do ressentimento. Deleuze argumenta que o inconsciente reativo – aquele do homem ressentido – é um “sistema digestivo vegetativo e ruminante” (DELEUZE, 2018, p. 145ss.), termos bem parecidos com os usados por Fleury. Para ela, a noção que melhor define o ressentimento é a ruminação: “qualquer coisa que se mói e se remói, com, aliás, essa amargura característica de um alimento exaurido pela mastigação” (FLEURY, 2020, e-book). O ressentido pratica uma digestão infinita, sem excretar ou vomitar jamais, muito menos se nutrindo do que é ingerido. Ele é apenas contaminado pela memória que, de tão parada e fermentada, acaba se tornando um veneno: “[P]ode ser comparado (e não só comparado) a um dispéptico – de nada consegue ‘dar conta’”, escreve Nietzsche (GM II 1). Não há espaço para o novo, para o que vem pela frente, só olhos para a repetição idealizada de um passado que nunca existiu.

Contra essa memória que pesa, seria necessária uma faculdade especial do esquecimento, como uma “elaboração”, no sentido psicanalítico. Escreve Nietzsche: “Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial] [...], mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão” (GM II 1). Daí, inclusive, Oswaldo Giacoia Junior diz que, para se realizar uma troca de fundamento que municia tal metafísica, uma transvaloração de todos os valores em termos nietzschianos, “depende, em boa medida, da capacidade do tratamento e do alcance civilizatório de uma terapia dos afetos” (GIACOA JUNIOR, 2021, p. 32). Assim, deve-se pensar os afetos como algo que pode ser trabalhado, como algo que pode ser modificado por uma “dieta”, uma dieta espiritual, (EH, Por que sou tão inteligente 2), na tentativa de evitar uma proposta que soe como moral, como uma obrigatoriedade, uma regra a se seguir.

III – Mais de um ressentimento

Recentemente, o ressentimento voltou a ser estudado com frequência, dessa vez como uma ferramenta conceitual que ajuda a explicar a ascensão ao poder de políticos dos vários campos que compõem a extrema-direita. Em seu livro *Nas ruínas do neoliberalismo*, publicado em 2019, a cientista política estadunidense Wendy Brown recorre ao conceito, mas diz que não o utiliza exatamente da forma como fora formulado por Nietzsche. Tanto na sua definição como na de Nietzsche, ela argumenta, o ressentimento é uma relação em que o ressentido se vê como uma vítima de agressão

e não consegue revidar à altura tal agressão, fazendo com que ele se perceba como capaz apenas de remoer a violência, amargando a “derrota”. Na leitura que Brown faz de Nietzsche, todavia, o ressentimento funcionaria dentro de um esquema meramente social e seu melhor exemplo seria a tomada de hegemonia política-social-moral pelo cristianismo. Como os cristãos se sentiam inferiorizados pelos seus senhores romanos, eles teriam visto nessa vitimização, sua serventia, nessa fraqueza, sua potência. Criaram valores de homens fracos a partir dessa posição inferiorizada – e essa seria a origem de nossa moral de escravo.

Já na versão contemporânea, ainda de acordo com Wendy Brown, esse rancor nasceria de uma perda de privilégios; da perda, sentida por um grupo pequeno, de direitos exclusivos, cuja exclusividade não é vista dessa maneira pelos seus detentores. Essa casta que tem certas vantagens por conta da cor da pele, da orientação sexual, do gênero, do local de nascimento, da conta bancária etc., ao ser confrontada por outros segmentos da sociedade que não compartilham dessas mesmas distinções, se porta como injustiçada por esse confronto e culpabiliza os demais por, da sua perspectiva, atacarem-no. Essa casta “superior” sente receio de perder ou não poder aproveitar essas vantagens porque “frequentemente encontra compensação na possibilidade de sentir-se superior ao garçom, à empregada doméstica, ao negro (no caso do branco), à mulher (no caso do homem), ao gay ou trans (no caso do cis-hetero)”, explica Rodrigo Nunes (2022, 88-9). Essa situação não seria exatamente uma postura de grupos inferiorizados, ao contrário, já que tais privilegiados seriam aqueles que tradicionalmente controlaram politicamente a sociedade – e isto os diferenciaria da leitura nietzschiana mais clássica. Seria, dessa forma, a postura de uma queda, de uma decadência (BROWN, 2019b, p. 214-215).

Dando seguimento ao seu raciocínio, Brown sugere dois possíveis resultados para esse tipo de comportamento ressentido contemporâneo. O primeiro: o rancor desenvolvido não é absorvido, sublimado, como era a proposta da doutrina cristã, que sugeria abnegação e amor ao próximo, e se mantém aceso, violento, criando uma “política permanente da vingança, do ataque àqueles culpados por destronar a masculinidade branca – feministas, multiculturalistas, globalistas, que tanto os destituem quanto desdenham deles” (BROWN, 2019b, p. 217). Com o cristianismo, se produziu uma diminuição das potências e um amordaçamento das vontades humanas, como vemos a partir da leitura nietzschiana, segundo a qual o cristianismo criou ao mesmo tempo uma válvula de escape para capturar esses sentimentos baixos e destrutivos, para que eles não fermentassem em grandes revoltas contra aqueles que os oprimiam.

O segundo modo de entender o crescimento do ressentimento, a partir de Brown, seria pensar como a percepção de destronamento da posição de privilégio, de uma sensação de queda ou decadência, foi a origem para se criar valores que priorizassem a posição anterior em que o privilégio era bem destacado: o “bom” estaria

num passado mítico, anterior, para onde se deveria voltar. Fica bem explícita essa proposta em slogans como o *Make America great again* (Faça a América grande novamente), da campanha de Donald Trump à presidência dos EUA, e *La France aux Français* (A França para os franceses), do partido *Front National*, da família Le Pen, e o “Polônia pura. Polônia branca”, entoado em manifestações de extrema-direita no país da Europa Central – isso para não mencionar o caso da valorização dos tempos da ditadura civil-militar de 1964 por parte do bolsonarismo. Essa postura sugere interromper o devir histórico, eleger um tipo de identidade como aquele mais característico da nação e considerar os demais habitantes do país como inimigos desse ideal, num processo de eliminação de todos aqueles que não se adequem à maioria.

O tipo de leitura feita por Brown, sobre o ressentimento como um embate exclusivamente social, abre uma complicada margem para encaixar uma série de relações entre uma classe privilegiada e uma em desvantagem. Segundo a autora, pela posição de Nietzsche, o par de opostos de opressores e oprimidos – como, por exemplo, nazistas e judeus ou senhor de escravos e cativos resultantes do tráfico transatlântico de seres humanos – teria por fim uma configuração específica que colocaria nas costas dos grupos violentamente subalternizados o ônus do ressentimento. Se a equação é simplesmente de um grupo que se sente mais fraco que outro e não consegue sair dessa situação de inferioridade, remoendo as suas constantes derrotas, não haveria como escapar de assinalar que judeus sobreviventes da Shoah e africanos trasladados à força entrariam nessa categoria, posto que se mantiveram inferiorizados, sem força suficiente para agir e impedir as agressões que sofriam, podendo no máximo amargar as constantes violências e suportar as incessantes degradações. O procedimento, todavia, não precisa seguir esse caminho, obviamente. Maria Rita Kehl, por exemplo, até mantém o caráter social da fórmula do ressentimento, mas sugere que ela só pode ser aplicada quando houver, de saída, algum equilíbrio entre os dois personagens-conceituais envolvidos. Segundo a autora, em condições de extrema desigualdade, como é o caso da escravidão ou do nazismo, toda falta de ação do agredido, ou mesmo as reações para se evitar as situações ultrajantes, nada disso pode entrar na conta do ressentimento. Quando o nazista, tendo todas as condições de escolha, força o judeu aprisionado e desprovido de sua liberdade de ação a um ato que o amesquinha, quem deveria sentir vergonha deveria ser o nazista, não o judeu. O ressentimento, objeta ela, não tem uma relação direta com uma “disputa”, não é a condição de todo vencido, “tem mais a ver com a rendição voluntária”: “A reação adiada que produz o ressentimento é aquela a que a pessoa se impediu por conta própria” (KEHL, 2020, e-book).

O problema da proposta de Kehl é a dificuldade de diferenciar quem são os ressentidos das verdadeiras vítimas. É complicado estabelecer, de antemão, quais seriam essas condições de extrema desigualdade que impediriam o agredido de reagir. Ela propõe que seria “[n]os casos em que nenhum direito humano, nem mesmo o direito à vida, é garantido por antecipação (nisto consiste a responsabilidade dos Estados democráticos)” (KEHL, 2020, e-book). Mas mesmo se colocarmos a resposta nos direitos humanos, devemos lembrar igualmente que tais direitos são criações dos próprios humanos e, em especial, de uma determinada categoria de humanos – geralmente homens, brancos, ocidentalizados, héteros etc. Os nazistas se diziam agindo para evitar que a Alemanha fosse completamente tomada pelos judeus – eles se viam como vítimas dessa situação. Outros ressentidos podem igualmente alegar que o seu agressor possui regalias – aliás, como argumentam os personagens tradicionalmente privilegiados estudados pela cientista política Wendy Brown sobre os novos atores políticos que recebem compensações históricas pelas agressões recebidas durante os séculos – e os culpar pelo seu infortúnio. Não é fácil construir um solo comum aqui.

Há ainda, para continuar nas leituras meramente sociais, outra questão problemática. O ressentimento, apesar de ser utilizado como forma de entender a ascensão de movimentos de extrema-direita, não é uma exclusividade de fascismos e profascismos. A própria Wendy Brown disse que via traços de ressentimento nos grupos mais comumente associados ao espectro político de esquerda que ela estudava na década de 1990 (BROWN, 1995, p. 45). O filósofo Sjoerd Van Tuinen vai além. Ele recorre a Max Scheler para lembrar que o “ressentimento tem sido a patologia afetiva básica das ideologias de protestos da esquerda e da direita”. Há, nesses casos, uma “‘explosão’ de inveja” combinada a uma “raiva impotente” – que se assemelha à fórmula nietzschiana de se sentir inferior a um possível agressor (VAN TUINEN, 2018, p. 5). Ou seja, o ressentimento é visto, dessa forma, como uma mola propulsora de certos movimentos políticos de massa – mesmo os de esquerda. Haveria um momento de conjunção de fatores em que os grupos se sentem padecedores de uma opressão e, ao mesmo tempo, incapazes de lidar com essa coação. É preciso então fermentar esse descontentamento para que se reúnam forças para conseguir lidar com o adversário. Nem sempre é possível liderar ou estar na dianteira de um processo político. Como nem sempre é possível “agir”, para voltar aos termos de Nietzsche. Há casos em que somos abalroados por forças momentaneamente maiores que as nossas e precisamos dar conta disso. O que fazemos com essa “agressão”, enfim, como ou se reagimos, é o que nos determina.

IV – Ressentimento dividido

Esse processo nos dá, talvez, uma primeira pista para entender o ressentimento de forma geral: talvez ele não seja exatamente uma classificação de um personagem fixo, não seja uma identidade, que cola de maneira eterna em determinados tipos, mas um atravessamento, algo com que temos que lidar sempre que houver uma diferença de força e um impedimento de revidar essa diferença, que é então vista como agressão. Dito de outra maneira: se o ressentimento é um afeto universal de que não é possível escapar a todo momento, a saída dele pode, sim, variar. Pode ser uma saída ativa, retomando o controle das nossas ações, ou uma saída reativa, que apenas insiste num ciclo que se perpetua, como o próprio Nietzsche admitia. Para ele, até o homem nobre poderia ter episódios ressentidos, mas “quando nele aparece, se consome e se exaure numa reação imediata, por isso não *envenena*” (GM I 10). Ninguém está livre do ressentimento, nem o homem ativo. Mas ele é considerado ativo exatamente por, ao ser atravessado por afetos como o ressentimento, buscar uma saída que não o mantenha dentro deste afeto. Por isso que o ressentimento “deve ser entendido simplesmente como um sinônimo de reação afetiva”, explica Bilate (2012, p. 158), que reforça: “em suma, o ressentimento é uma reação ‘política’ (estritamente no sentido etimológico que remonta a *polis*) entre indivíduos”. Essa diferença de força que acaba por produzir o que é considerado uma violência contra a parte momentaneamente mais fraca precisa ser digerida pelo “agredido” para virar energia necessária que fará aumentar sua própria força de forma a sair do sistema fechado de reação, característico do ressentimento, para produzir o novo, pela ação. Agora, caso tal agressão permaneça sem ser digerida, numa ruminação infinita que que faz apenas com que se aponte os dedos para os outros que seriam os “culpados” por nossas agruras, ela acabará por apodrecer e contaminar o seu hospedeiro.

Van Tuinen tenta responder a essa questão sublinhando a importância de um outro elemento, já mencionado aqui de passagem, que poderia ser a chave de leitura para saber como sair da armadilha de pensar que todo comportamento de derrota caracterizaria o ressentimento. É a inveja. A inveja seria o ponto de bifurcação entre a atitude ativa e a reativa. O ressentimento reativo teria sempre uma dose desse outro afeto. E inveja aqui é entendida aqui como a vontade de ter o mesmo que o outro, ou ainda a vontade de que o outro não tenha o que ele tem para que eu o tenha. Aqui chegamos a um novo ponto: o ressentimento, o tipo que seria misturado à inveja, seria paralisante porque se deseja o que o outro quer sem, necessariamente, agir em prol de alcançar tal objetivo. O problema desse argumento de Van Tuinen estaria no discurso subjacente de que todos os personagens ressentidos sentiriam inveja dos seus

agressores. Na teoria, o procedimento funciona: o fraco certamente tem inveja do forte, quer a força do forte, quer que o forte não tenha força, mas não faz nada para que essa vontade se concretize; ou quando faz, se autoriza a usar qualquer tipo de recurso com a desculpa de que é uma vítima e está apenas reagindo ao forte. Mas, considerando todos os casos mencionados até aqui, fica difícil enxergar essa avidez invejosa com muita clareza. Os nazistas, por exemplo, não têm exatamente uma inveja dos judeus: os judeus foram usados como desculpa para todas as agressões dos nazistas, que se colocavam como vítimas da situação, mas não seria exatamente uma inveja que os moveria. Já os masculinistas-brancos estudados por Wendy Brown poderiam entrar na categoria de invejosos, mas com algum esforço. Não que eles queiram estar na posição de feministas, multiculturalistas, globalistas etc., mas que eles enxergam certos benefícios nesses grupos, certos privilégios, e desejam retirá-los. Talvez o caso mais óbvio de inveja seria o dos cristãos em relação aos romanos: eles, sim, teriam inveja e gostariam de suplantar a posição dos romanos, mas para continuar sua estrutura política. Eles sim teriam uma inveja das liberdades e desejos dos romanos e começaram a valorizar suas exageradas ascetes. O que nos dá uma pista para nos levar a um outro modo de pensar o ressentimento, de acordo com outra noção conceitual nietzschiana.

Se o ressentimento é uma condição que passa ao largo da divisão do espectro político, há formas diferentes entre aquilo que poderíamos categorizar como uma atitude ativa e outra como reativa. Caso consideremos que o espectro da esquerda seria caracterizado, grosso modo, por uma atitude revolucionária, de transformação e abertura para o novo, e o de direita, como o inverso, como a conservação ou mesmo a reação, querendo sustentar o mesmo e o igual, o ressentimento do homem ativo seria mais ligado à esquerda porque tentaria suplantar a força do agressor não para que as coisas permaneçam como sempre foram, mas para que haja uma mudança estrutural de valores. Uma transvaloração dos valores, como chamou Nietzsche. Uma transformação na maneira como criamos os próprios valores postos, não uma inversão da tábua em que o que era bom, bonito e certo viram automaticamente ruim, feio e errado, mas uma outra tábua com outros termos. O ressentimento reativo faria, assim, exatamente o contrário: ele almejaria atingir o poder para que tudo continue como está. A única transformação aceita pelo reativo é que ele assuma a postura daquele que agride – embora nunca consiga atingir a categoria de senhor –, porque continuará, mesmo que assumindo a postura de quem agride, dentro do espectro do ressentimento. E não atingirá o posto de senhor porque, no fundo, ele não quer isso. Há um ganho em se manter ressentido: por se considerar uma vítima eterna, todas as suas atitudes são justificadas – ao menos para ele próprio. Tal personagem dirá para si que está apenas reagindo e não foi ele quem começou o problema. Não é necessário mudar sua postura, apenas repetir o método costumeiro, caminhar na mesma trilha já marcada no chão. Há uma economia de energia, uma acomodação, uma repetição. Já o personagem ativo

quer sair dessa postura que o torna reativo e começar a agir, começar a tocar a própria vida, esticando até o máximo a linha do seu horizonte de possibilidades. Quer começar a estabelecer novos modos de viver, se adaptando ao devir histórico que o atravessa para torná-lo seu próprio. Quer viver sua própria vida, independentemente de críticas invejosas ou ressentidas de outrem, apenas afirmando suas escolhas.

V – Ressentimento e o favor, um último exemplo

Talvez seja importante voltar a sublinhar que o tipo ressentido não é um personagem ideal, um conceito em forma de identidade fixa a que certas pessoas são naturalmente atachadas, ou uma determinada classe social determinada cujos componentes seriam inegavelmente reativos ou reacionários. O próprio Nietzsche deixou claro ao fim do §14 do seu fragmento conhecido como *Lenzer Heide* (FP 1887, 5[71]) sua preocupação de ser lido fora dos parâmetros sociológicos mais tradicionais. No trecho, Nietzsche fala sobre como reconhecer os senhores e os escravos e escreve: “Evidentemente, fora de todas as ordens sociais existentes”. Para Nietzsche, o ressentimento, além de um conceito que merecia nossa atenção por ser o fomentador da moral que nos escravizou por séculos, era também uma força que nos atravessa, e temos que ser fortes para lidar com ele. Se Nietzsche o associava ao homem das massas, não necessariamente precisamos ler isso de forma social: podemos pensar que ele estava se referindo àquele que, independentemente de sua origem, se comporta como se todos os homens fossem, necessariamente, indistinguíveis, sem qualquer diferença que os torne únicos. E esse tipo de comportamento não pode ser associado a apenas um determinado segmento social.

Se couber um último exemplo que ilustra o caso acima, de o ressentimento sendo lido na chave de uma transvaloração dos valores, basta pegarmos uma teoria desenvolvida pelo crítico literário Roberto Schwarz tendo como fundo a obra de Machado de Assis. Em seu clássico ensaio “As ideias fora do lugar”, Schwarz defende que, mesmo sendo a força motriz de produção econômica, “a escravidão não era o nexos efetivo da vida ideológica” (2000, 16), isto é, dos sentidos e direções da sociedade. Não era sobre o escravo que se escrevia, se pensava, se debatia. Isso porque o escravo, na maioria das vezes, nem era considerado como gente para que fosse “visto” diretamente. Para se entender onde estaria esse nexos, ele sugere pensar as bem particulares classes sociais que foram criadas no Brasil durante os anos de colonização baseada no monopólio da terra para uma agricultura extrativista de exportação. Havia o latifundiário, dono desses pedaços de gleba cujas dimensões por vezes beirava a de um

principado europeu; o escravo, que era obrigado, sob pena de perder sua vida, a trabalhar essa terra; e aquele que, num primeiro momento, ele chama de homem livre, para logo depois corrigir para um nome mais apropriado: o dependente. Se a relação entre os dois primeiros personagens é clara, esse terceiro sujeito aparece mais multifacetado. Mesmo que múltiplos, todos os dependentes tinham algo que os unia: não eram ricos a ponto de serem proprietários de grandes extensões de terras, mas ao menos podiam gozar de algum grau de autonomia. Entretanto essa autonomia era baseada num mecanismo absolutamente *sui generis* que Schwarz chama de *favor*. “O favor é [...] o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm” (2000, p. 16). É entre latifundiários e agregados – que ele diz ser a caricatura desse personagem dependente – que acontecerá essa negociação, cuja moeda é o favor.

O favor permearia todas as relações sociais dos homens não-escravizados. Até mesmo os profissionais liberais, que em tese ou em outras paragens como a Europa seriam razoavelmente independentes, estariam subordinados a essa lógica do favor: eles necessitariam da autorização do coronel da sua localidade para praticar suas profissões, por exemplo. “O favor é a nossa mediação quase universal – e sendo mais simpático do que o nexo escravista, a outra relação que a colônia nos legara, é compreensível que os escritores tenham baseado nele a sua interpretação do Brasil” (SCHWARZ, 2000, p. 16). Apesar disso, dentro da estrutura do favor, existe sempre uma relação de opressão, mesmo que velada; “uma relação de arbítrio” que, segundo Schwarz, mexe com “o jogo fluido de estima e autoestima”. Há sempre aquele que pode ou não produzir um favor e, do outro lado, outro que está inequivocamente na posição de pedinte e submisso. Uma posição passiva, em suma, que pode apenas reagir ao que o latifundiário impunha, ou unicamente aceita o que lhe é liberado. Ele tinha, como se vê, pouca autonomia – por isso, inclusive, Schwarz titubeia em chamá-lo de livre: “O favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais” (SCHWARZ, 2000, p. 17).

Longe de ser exclusivamente uma relação de perda (do agregado) e ganho (do latifundiário), no entanto, havia também um pequeno, mas significativamente importante ganho por parte desse sujeito livre-dependente: ele não seria, jamais, confundido com um escravo. Havia nessa troca, nessa “cerimônia”, como escreve Schwarz, uma certeza de “superioridade social”: “[E]ste reconhecimento é de uma convivência sem fundo, multiplicada, ainda, pela adoção do vocabulário burguês da igualdade, do mérito, do trabalho, da razão”, argumenta, para deixar a dica: “Machado de Assis será mestre nestes meandros” (SCHWARZ, 2000, p. 20). Ou seja, mesmo que o agregado pudesse estar bem mais próximo, do ponto-de-vista econômico, do escravo, ele tinha algo com o que se identificar com o senhor. Talvez essa constatação já permita identificar o ressentimento em jogo. Isso porque a parte que se sente “diferente” e “superior” se vê intimamente agredida pela “inferior” ao ser comparada a esse grupo

– e é resgatado dessa posição ao receber passivamente um reconhecimento externo, no caso, dos senhores, de que eles não são escravos.

Além dessa maneira mais “tradicional” de entender o ressentimento, há outra que remete aos modos ativos e reativos, e que se endereça para a noção de transvaloração dos valores, como mencionamos anteriormente. Enquanto o cativo pode ser visto como mais fraco que o latifundiário do ponto de vista da representatividade política, e, na maioria dos casos, não poderia agir diretamente para que essa estrutura se modifique (o que o caracterizaria dentro de um conceito mais amplo do ressentimento), ele rapidamente escaparia desse arranjo por almejar o fim de todo e qualquer cativeiro. Uma versão da transvaloração dos valores, caso tal conceito nietzschiano seja aplicado a uma situação concreta. Não importa aqui os casos de exceção, como as inúmeras insurreições e revoltas comandadas por escravizados que lutavam com seus próprios punhos pela liberdade, ou os casos espaçados em que escravos queriam apenas se transformar em donos de outros escravos, mas apenas o personagem-conceito criado por Schwarz. Personagem que está representado na comemoração dos cativos libertos pela abolição da escravatura – celebração essa tão bem retratada pelo próprio Machado em crônica publicada cinco anos depois da assinatura da Lei Áurea dentro da série “A semana”, na *Gazeta de notícias*. O personagem dessa crônica representaria o homem ativo, que pode até se sentir atingido por um agressor, mas rapidamente quer sair dessa postura – e, conseqüentemente quer acabar com esse ordenamento político-social-moral para criar outro, completamente diferente, em que não haja mais escravizados, em que a escravidão seja vista como aviltante, em que todos os homens tenham as mesmas condições de vida. Ou seja, se o ressentimento é o processo de lenta “digestão” de uma agressão recebida, os homens e as mulheres escravizados conseguiram elaborar a situação degradante e, de forma ativa, se portam a favor de uma nova sociedade em que não há mais tal imposição.

Já o agregado, por sua vez, seria a imagem-mor do homem ressentido, do homem reativo que quer, meramente, manter os seus pequenos privilégios e que almeja, no máximo, suplantar a posição do latifundiário – se economicamente não for possível, ao menos social e politicamente. O agregado não vislumbra a mudança estrutural da sociedade, como o fim da escravidão, ele só quer garantir que ele não seja confundido com um escravo. Um sentimento de passividade que pode ser bem exemplificada pelo primeiro capítulo de *Quincas Borba*.

Rubião releva até mesmo a morte da irmã, justamente porque conseguiu sair de uma posição livre, porém subalterna – a de professor – para se transformar em “capitalista”, alguém que não depende mais de nenhum favor. Quando ele coteja o

passado com o presente, a única mudança, a única alteração que há é a sua própria, que não lhe chega por sua obra, mas por força de um *favor* de Quincas Borba, que lhe deixa sua herança. O agregado não pode agir, é “agido”; não é sujeito de si, mas sujeitado. É, em suma, como dito antes, um ressentido-reativo.

Gostaríamos de sugerir que Machado também caracterizaria o terceiro personagem levantado por Schwarz, o latifundiário, o dono de escravos, aqueles que juntam poder político e econômico, como ressentido. Em uma outra crônica publicada também na *Gazeta de Notícias*, dentro da série que ficou conhecida como “Bons dias”, a 19 de maio de 1888, portanto menos de uma semana depois da assinatura da lei que libertou os cativos, Machado ficcionaliza um desses personagens com sua ironia característica. O protagonista-narrador sem nome é um homem de posses afetado que cita pedantemente cacos de frases em diversas línguas e encara a sua relação com o homem que ele mantém escravizado pelo lado da submissão ou pelo viés econômico, de propriedade. Percebendo que a abolição era inevitável, ele decide se antecipar e alforriar seu cativo (de nome Pancrácio, o único a ser nominado no conto-crônica) antes que fosse obrigado a isso. Porém tal ato “benevolente” acontece, por coincidência, apenas uma semana antes do famoso dia 13 de maio. “Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar”, diz o narrador sublinhando o caráter monetário da sua medida. Pensando, entretanto, que era necessário haver alguma compensação por essa perda, ele decide lucrar com essa atitude. O jantar vira um evento de autopromoção, de divulgação de seu “altruísmo”. Em seguida, decide aproveitar o ensejo e virar deputado – e pretende fazer seus eleitores saberem o quanto ele havia sido “magnânimo” por ter livrado Pancrácio do cativo. No dia seguinte da libertação, entretanto, ele já dá um peteleco no agora funcionário Pancrácio “por me não escovar bem as botas”. E o motivo dessa insolência, segundo o ex-dono de escravo, é a liberdade recém conquistada. Nos dias que se sucedem, as agressões continuam, como outrora. O patrão argumenta: “Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos”. Ou seja, diante de uma situação que é vista como uma agressão – a tentativa de mudar a estrutura social, a perda de um privilégio visto como um direito – ele se sente uma vítima da situação (a perda do escravizado) e vai reagir a isso de forma a produzir algum tipo de ganho, algum tipo de benefício, além de tentar que o ex-escravo continue a se sentir como escravo. Tudo para que as estruturas sociais permaneçam as mesmas, “estados naturais, quase divinos”. Aliás, muito parecido com o tipo de comportamento que Agamêmnon espera de seus súditos. Qualquer movimento que seja fora desses parâmetros é visto como um atrevimento, uma arrogância, uma audácia – uma agressão. Trata-se, portanto, de um exemplo de um ressentido-reativo, que não quer qualquer tipo de mudança ou transformação na sociedade.

VI – Conclusão

Com esses exemplos, pode parecer que há uma dificuldade em se escapar do ressentimento. “[N]a verdade, nem mesmo sabemos o que seria um homem desprovido de ressentimento”, argumenta Deleuze (2018, p. 49) e pergunta: se tal homem existisse, ele ainda seria o homem criado na tradição platônico-cristã de negação da vida? Mas, mesmo que seja difícil, é possível, sim, fazer uma diferença de como lidar com o ressentimento. Em todos os casos apresentados aqui, o ressentido, esse homem reativo que vive dentro do ressentimento sem querer sair dele, tem medo de uma mudança verdadeira nas disposições político-social-morais porque se acha fraco demais para encarar qualquer novidade que o retire da posição a que ele está já acostumado. Toda ameaça a essa condição é entendida como uma agressão pessoal a ele e, diante dessa “violência”, ele se autoriza a assumir eternamente a identidade de vítima. Agamêmnon não quer perder a certeza da bajulação de seus súditos; o homem da retórica não quer perder a vantagem explícita travestida de submissão daquele com dificuldade em se comunicar; os cristãos não querem perder o orgulho de suas derrotas, da fraqueza de seus ascetismos; o nazista não quer perder a autorização para menosprezar todos aqueles que ele acredita ser inferior; os brancos-masculinistas não querem perder os benefícios históricos que essa coincidência de fatores lhes proporcionou – caso parecido com o dos latifundiários e dos agregados, talvez seus antepassados. Esses ainda têm o mecanismo do favor para usar como um traço de distinção social. Esse foi o objetivo deste artigo: mostrar como o ressentimento que caracterizamos como reativo está associado desde sempre a uma relação de submissão contendo um personagem que quer manter sua postura de suposta e relativa inferioridade ou, mais precisamente, de vítima (mesmo quando é um rei, senhores de terra ou um grupo social dominante) para continuar a “lucrar” com a situação, para manter os privilégios em que ele permanece ganhando com a relação estabelecida, num processo de imobilidade eterna.

Por isso que o ressentimento precisa ser, se não eliminado, posto que ele acompanha a humanidade desde provavelmente o seu alvorecer, trabalhado, superado, digerido, esquecido ou expelido, que ele seja visto, no máximo, como adubo para que a vida floresça. Para podermos criar e, ao mesmo tempo, estarmos abertos ao novo. Para termos uma postura ativa em relação à existência. Para agirmos em prol de nós mesmos e não sermos mais “homens”, no sentido levantado por Deleuze: “Um homem que não acusasse e não depreciasse a existência, seria ainda um homem, pensaria ainda como um homem? Já não seria algo distinto do homem, quase o além-do-homem?” (DELEUZE, 2018, p. 49-50).

Referências bibliográficas:

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.

_____. *Retórica das paixões*. Prefácio de Michel Meyer. Introdução, notas e tradução do grego: Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <https://machado.mec.gov.br/index.php>.

BILATE, Danilo. *Nietzsche e uma ética dos afetos*. Orientador: André Martins Vilar de Carvalho. Coorientador: Bertrand Binoche. 226 folhas; Tese (Doutorado em Filosofia) -Universidade Federal do Rio de Janeiro em cotutela com a Université de Paris I Panthéon-Sorbonne, Rio de Janeiro, 2012.

BROWN, Wendy. *In the Ruins of Neoliberalism - The rise of antidemocratic politics in the west*. Nova York: Columbia University Press, 2019a.

_____. *Nas ruínas do neoliberalismo*. A ascensão da política antidemocrática no ocidente. Traduzido por Mario Antunes Marino e Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019b.

_____. *States of Injury*. Power and freedom in late modernity. Nova Jersey: Princeton University Press, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução: Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: N-1, 2018.

_____. *Espinosa*. Filosofia prática. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

ELGAT, Guy. *Nietzsche's Psychology of Ressentiment Revenge and Justice in On the Genealogy of Morals*. Londres e Nova York: Routledge, 2017.

FLEURY, Cynthia. *Ci-gît l'amer - guérir du ressentiment*. Paris: Gallimard, 2020. (E-book).

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Ressentimento e vontade - para uma fisio-psicologia do ressentimento em Nietzsche*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia, 2013.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020.

MARTON, Scarlett. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Genealogia da moral*. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

_____. “O niilismo europeu”. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho, in *Comum*. Rio de Janeiro, v.8. nº 21. p. 5-23, Jul/Dez 2003.

_____. “Der europäische Nihilismus”. In: *Nachgelassene Fragmente Sommer 1886 — Herbst 1887. 1887.* Disponível em: [http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1886,5\[71\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1886,5[71]).

NUNES, Rodrigo. *Do Transe à vertigem - Ensaio sobre bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: UBU, 2022.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. “Niilismo e ressentimento na terceira dissertação da genealogia da moral”, in *Sofia*, Vol. 8, n. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/28563>. Acesso em: 19 jul. 2021.

_____. “O perdão como sinal de força e saúde”. In: BARRENECHEA, M. A. de (Org.). *As dobras da memória*. RJ: 7Letras, 2008.

SCHWARZ, Roberto. “As ideias fora do lugar”. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Ed. 34, 2000

VAN TUINEN, Sjoerd (org.). *The Polemics of Ressentiment - Variations on Nietzsche*. Londres: Bloomsbury Publishing Plc, 2018.

Recebido: 19/06/2023

Aprovado: 01/12/2023

Received: 19/06/2023

Approved: 01/12/2023